

LEMBRANÇAS DO PROFESSOR JACINTO DO PRADO COELHO

Maximiano de Carvalho e Silva
UFF

Desde que passei a dedicar-me de modo especial ao estudo da Literatura Portuguesa, o nome de Jacinto do Prado Coelho esteve sempre presente na minha lembrança, por múltiplas razões, algumas delas óbvias. Como ele era autor (desde cedo) de obras de fundamental importância, tomei conhecimento ao longo dos anos de boa parte dos livros e artigos em que divulgou suas idéias de renovador dos estudos literários: *A Educação do Sentimento Poético* (1944), *Introdução ao Estudo da Novela Camiliana* (com edições em 1946 e 1983), *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa* (1949/1973), *Obra Seleta de Camilo Castelo Branco* (1960), *Problemática da História Literária* (1961/1972), *A Letra e o Leitor* (1969), *Ao Contrário de Penélope* (1976), *A Originalidade da Literatura Portuguesa* (1977), *Camões e Pessoa*, *Poetas da Utopia* (1983). Acompanhei com real admiração o seu trabalho de organizador de edições com textos cuidadosamente estabelecidos e comentados (Camilo, Teixeira de Pascoais, Matias Aires, Fernando Pessoa, entre outros); de principal diretor e autor de verbetes de um precioso *Dicionário de Literatura* (portuguesa, brasileira e galega), cuja primeira edição é de 1969; e de co-diretor, ao lado de Hernâni Cidade, a quem votava o maior apreço, da esplêndida revista *Colóquio/Letras*, editada em Lisboa pela Fundação Calouste Gulbenkian. Sempre via eu com satisfação que os inúmeros trabalhos com que enriquecia a bibliografia portuguesa tinham benéfica repercussão nos outros países de língua portuguesa, cuja literatura tanto ajudou a divulgar.

Um aspecto da atuação de Jacinto do Prado Coelho me sensibilizou de modo particular. Tendo recebido de seu pai a herança de um profundo interesse pelos estudos da vida e obra de Camilo Castelo Branco, passou com o tempo da posição de simples leitor à de analista e comentador da literatura camiliana, de que se tornou um dos mais lúcidos intérpretes, como se vê nas páginas tão densas da *Introdução ao Estudo da Novela Camiliana*. Preparou, como se sabe, para a editora Aguilar os dois volumes da *Obra Seleta* do romancista, com excelentes notas biobibliográficas e estudos prévios que os tornaram de consulta obrigatória ainda hoje. Esse interesse camiliano era um traço que nos unia: também o tenho como herança paterna, pois meu pai pertenceu à geração de camilianistas das primeiras décadas deste século, em permanente rivalidade com os devotos de Eça de Queirós.

Meu contato pessoal inicial com o professor Jacinto do Prado Coelho se deu em 1972, nas circunstâncias a que me referirei em seguida.

Primeiramente, como membro da Comissão Especial designada pelo Ministro da Educação para organizar e dirigir as comemorações brasileiras do quarto centenário da publicação de *Os Lusíadas*, coube-me a coordenação de um ciclo de conferências que se realizariam no Rio de Janeiro em agosto daquele ano, com a participação de ilustres camonistas brasileiros e portugueses. Em reunião da Comissão, apresentei a proposta dos nomes dos conferencistas, que foi aprovada com pequenas alterações: entre os brasileiros estavam os de Artur César Ferreira Reis, Pedro Calmon, Cleonice Berardinelli, Gladstone Chaves de Melo, Guilhermino César e Celso Cunha; e entre os portugueses os de Hernâni Cidade, Álvaro Júlio da Costa Pimpão, Vitorino Nemésio, Jacinto do Prado Coelho, Maria de Lourdes Belchior Pontes e José G. Herculano de Carvalho. Essa relação de nomes diz bem dos propósitos que nos nortearam de celebrar em alto nível o grande acontecimento cultural que nos congregava naquele momento. Como em todos os casos, por carta foi feito o convite aos professores portugueses: dois deles, todavia, não puderam aceitá-lo – Prado Coelho e Maria de Lourdes Belchior – diante de compromissos anteriores que impediam a sua vinda ao Brasil, segundo as explicações que nos deram.

No mesmo ano de 1972 teria eu a esperada oportunidade de um primeiro encontro com Jacinto do Prado Coelho, como tanto desejava. Contribuiu para isso o fato de a Comissão Especial designada pelo governo português para organizar as comemorações camonianas em Portugal ter incluído em seu programa a realização em Lisboa de uma I Reunião Internacional de Camonistas, do dia 15 ao dia 18 de novembro. De acordo com os entendimentos prévios entre as duas comissões, estabeleceu-se no Brasil que uma delegação nos representaria nesse encontro de camonistas, da qual fiz parte na honrosa companhia dos professores Pedro Calmon (Vice-Presidente da Comissão brasileira) e Gladstone Chaves de Melo (então Adido Cultural do Brasil em Lisboa). Foi assim que, fazendo a minha primeira viagem a Portugal, pude afinal apresentar-me em Lisboa a Jacinto do Prado Coelho, que como membro da Comissão portuguesa coordenava sob a presidência de Hernâni Cidade as atividades dessa importante Reunião de especialistas em estudos camonianos, de Portugal, do Brasil e de vários outros países. Apesar da cordialidade dos nossos contatos, não foi fácil ao professor Prado Coelho abrir um espaço no programa para que eu me desincumbisse de uma tarefa de que à última hora fora encarregado pelo professor Artur César Ferreira Reis (Presidente da Comissão brasileira): fazer numa das sessões um relato do que vínhamos realizando com o propósito de celebrar as glórias do Poeta e de favorecer com outros meios o estudo da sua vida e obra. Afinal, graças às instâncias de Pedro Calmon, foi-me facultado falar, em sessão sob a presidência de Prado Coelho, que me ouviu com toda a atenção. Daí até o encerramento do congresso, pude ainda comunicar em sessão plenária que já estava na fase final de impressão a terceira edição (fac-similada) de *Os Lusíadas Comentados por Augusto Epifânio da Silva Dias*, planejada como homenagem nossa aos grandes camonistas portugueses do passado; e na sessão final ver aprovada, com os aplausos entusiásticos dos presentes, duas propostas assinadas pelos três integrantes da delegação brasileira: a de que a II Reunião fosse realizada no Brasil, sob o patrocínio da Universidade Federal Fluminense – UFF e da Fundação Casa de Rui Barbosa – FCRB (instituições que eu ali estava representando oficialmente); e a de que

se criasse, com sede dupla – em Portugal e no Brasil – o Instituto Camões, a que caberia daí por diante levar avante as iniciativas de promover e difundir os estudos camonianos. Terminada a Reunião, ainda tive alguns breves encontros com o professor Jacinto do Prado Coelho, de quem guardara tão forte impressão.

A nossa aproximação maior se deu em 1973, pelos motivos que exporei em seguida. De volta ao Brasil, ficou em minha cabeça como uma obsessão o compromisso assumido de organizar a II Reunião Internacional de Camonistas, e no meu entender o mais depressa possível, enquanto estivesse eu na direção do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense e do Centro de Pesquisas da Fundação Casa de Rui Barbosa. Depois de obter o assentimento do Reitor da Universidade e do Presidente da Fundação, tomei a iniciativa de organizar o que denominei Programa Especial UFF–FCRB, comemorativo do quarto centenário da cidade de Niterói (sede da Universidade) e do cinquentenário da morte de Rui Barbosa, obtendo para atender aos gastos financeiros o apoio de dois órgãos do Ministério da Educação e Cultura: o Departamento de Assuntos Culturais – DAC (sob a direção do Dr. Renato Soeiro, que de perto acompanhara a minha atuação como membro da Comissão Especial do quarto centenário de *Os Lusíadas*) e a Coordenação do Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior – CAPES (sob a direção do Dr. Celso Barroso Leite). Nesse Programa estava prevista a realização de dois congressos internacionais concomitantes: a II Reunião Internacional de Camonistas e o Congresso Internacional de Filologia Portuguesa (este com a finalidade principal de tratar dos grandes problemas da Crítica Textual aplicada aos textos em língua portuguesa). Da Comissão Diretora do Programa que eu tive a honra de presidir também fizeram parte a meu convite – como Vice-Presidente o professor Sílvio Edmundo Elia, na qualidade de representante do corpo docente da UFF, e como Secretário o Dr. Irapuan Cavalcanti de Lyra, Diretor Executivo da FCRB – com os quais dividi as responsabilidades de levar a bom termo o referido Programa.

Na hora de relacionarmos os professores e pesquisadores nacionais e estrangeiros que seriam os nossos convidados especiais, surgiu logo em primeira cogitação o nome de Jacinto do Prado Coelho: merecia por muitos motivos essa homenagem, inclusive pelas demonstrações e exemplos que permanentemente nos dava de valorização da cultura e da literatura brasileira. Ao redigir o convite, fiz uma tentativa de engajá-lo nos debates sobre Crítica Textual, pois me parecia que, afeito ao trato com os textos de todas as épocas, tendo plena consciência do problema da fidelidade textual e múltiplas experiências de preparar edições ou textos críticos, podia trazer ao Congresso Internacional de Filologia Portuguesa uma contribuição nova, de alta relevância (o que aliás se confirmaria em plenitude). Para envolvê-lo, em minha carta-convite datada de 16 de maio de 1973, depois de explicar que fizéramos a opção de usar a palavra Filologia no sentido de Crítica Textual, tomei a liberdade de dizer:

O Congresso, portanto, se destina ao estudo e debate dos problemas comuns dos que se dedicam à Crítica Textual, à preparação de edições críticas. Uma de nossas finalidades é contribuir para a retomada do trabalho filológico, relegado a segundo plano nos dias atuais – enfim, repetindo palavras do professor Herculano de Carvalho em *Crítica*

Filológica e Compreensão Poética, "uma chamada de atenção para a necessidade inadiável de se retomar finalmente, em bases realmente científicas e atualizadas, a tarefa inacabada da edição crítica e do comentário filológico dos textos literários dos nossos escritores". Muito nos alegraria a apresentação de comunicações sobre temas como "Filologia e Linguística", "Filologia e História", "Filologia e Literatura" – que acrescentassem outros elementos à comprovação de que o trabalho filológico é o primeiro a ser feito, para as conclusões seguras no campo dos estudos afins, mormente no que diz respeito a textos mais antigos. Tudo isto – que o prezado amigo, pela formação que teve, sabe muito bem, e de experiência própria – me senti obrigado a repetir, para deixar bem claros os nossos propósitos.

A sua comunicação poderia referir-se a um dos itens do Congresso de Filologia: seria a oportunidade para ir mais além nas considerações que faz em seus estudos, quando toca de passagem em problemas filológicos. (Alguns exemplos apenas: em *Problemática da História Literária*, 2ª edição, refere-se à edição de *Aventuras de Diófnanes* – INL, 1945 – como "bastante imperfeita", e aí está um texto que pela sua importância mereceria um outro tratamento; em *A Letra e o Leitor* – menciona a edição crítica das *Novelas do Minho* [de Camilo Castelo Branco], publicada pelo Centro de Estudos Filológicos [Lisboa], mostrando como é valioso o registro das variantes para a análise da evolução do autor (p.170); na mesma obra, o capítulo "Cronologia e Variantes da Mensagem" [de Fernando Pessoa] evidencia as conexões entre o trabalho filológico e os estudos literários).

No parágrafo seguinte da mesma carta, esclareci todavia ao professor Prado Coelho que a ele cabia a escolha do tema da sua comunicação, seja para o Congresso de Filologia, seja para a Reunião de Camonistas. E assim lhe disse:

No temário da II Reunião Internacional de Camonistas, procuramos pôr em destaque quatro pontos para dar ênfase aos mesmos, mas não queremos de modo algum tolher a liberdade dos nossos convidados especiais. Assim sendo, se a sua comunicação for sobre um tema camoniano, não faremos qualquer objeção ao que nos propuser.

Jacinto do Prado Coelho respondeu sem demora à nossa convocação, declarando que escolhera para a sua comunicação o tema "Filologia e Literatura: o Estudo de Variantes", o que me agradou imensamente. Meses mais tarde, em outubro, às vésperas do Congresso, enviou-me o longo e muito bem documentado texto da mesma, que eu li com avidez, sentindo logo que o tratamento da matéria por parte de um grande Mestre em estudos literários despertaria vivo interesse, como de fato se verificou. Fiz ver a Prado Coelho que reservaria tempo para que a comunicação fosse lida na íntegra, como notável contribuição à valorização de uma das tarefas básicas da Crítica Textual. Em resposta, numa carta com data de 26 de outubro, ele diria:

Ainda bem que lhe pareceu de interesse a minha comunicação; e seu parecer autorizado tem para mim grande valor; e sensibilizou-me o desejo que manifesta de que o texto seja lido na íntegra.

Jacinto do Prado Coelho chegou ao Rio de Janeiro no dia 10 de novembro, na companhia de sua esposa D. Dália. Os encontros de especialistas em estudos camonianos e em Crítica Textual, como se estabelecera, realizaram-se de 12 a 18 de novembro: a maior parte das sessões no salão de cinema da Reitoria da UFF (Niterói); duas sessões no Real Gabinete Português de Leitura; e a festa de encerramento dos trabalhos nos salões da Casa de Rui Barbosa (Rio de Janeiro). Foi na sessão da tarde do dia 13, com a presença de mais de quinhentas pessoas, que Jacinto do Prado Coelho leu o seu extenso trabalho, que como eu esperava foi ouvido com a maior atenção, não só por parte de outros ilustres convidados nossos, como por parte do público tão numeroso, em que estavam inclusive muitos alunos da Universidade: uma providência tomada pela direção do Congresso – a distribuição prévia de cópias xerográficas do texto bem datilografado e revisto dessa como de todas as outras comunicações – permitiu o acompanhamento sem dificuldade do que expôs o ilustre Mestre. Com efeito, no final dos congressos, a avaliação dos seus resultados mostrou que a longa comunicação que ele fizera sobre a importância das edições críticas como propiciadoras do estudo das variantes de uma obra literária era tida como um dos pontos mais altos de tudo o que se passara naqueles dias. Para que se tenha idéia do que foi essa sessão do Congresso de Filologia, basta dizer que, na hora dos debates, falaram sucessivamente para louvar o orador e fazer comentários sobre o tema em exame os professores Gladstone Chaves de Melo, que presidiu a parte final da sessão, Paul Teyssier (Paris) como debatedor designado pela mesa, Luciana Stegagno Picchio (Roma), Arnaldo Saraiva (Porto) e Hernâni Cidade (Lisboa). Este último emocionou os ouvintes pelo tom de sinceridade e humildade que imprimiu às suas observações sobre a evolução dos métodos de estudos literários em Lisboa, na cadeira de Literatura Portuguesa: sobre as mudanças profundas que se deram do tempo de Teófilo Braga (de quem foi aluno) para o seu tempo e para o tempo presente, em que via o seu antigo assistente Jacinto do Prado Coelho tomar novo rumo, colocando-se portanto muito à frente de Teófilo Braga e dele próprio Hernâni Cidade com a análise que fazia das variantes para melhor compreender o processo da criação literária. Terminadas as sessões dos congressos, houve um almoço de conagração em Niterói, num clima da maior cordialidade: surpreendeu-me então o amigo Jacinto do Prado Coelho, na hora dos discursos de despedida, com as emocionadas palavras de agradecimento que dirigiu a minha mulher, Dirce, cuja atuação discreta mas constante e eficaz muito nos auxiliou para o êxito da programação social: com esse gesto de pura fidalguia comprovou ter estado atento a tudo, e se tornou credor da minha particular estima. Já de Portugal, a 9 de dezembro, assim expressou numa carta a impressão que lhe ficara dessa vinda ao Brasil:

Conservo as melhores recordações dos nossos congressos de Niterói – um duplo êxito, de que deve orgulhar-se. Depois, eu e minha mulher prosseguimos excelente viagem por São Paulo, Salvador e Recife, sempre carinhosamente recebidos. Regressamos no dia 27. Mas, claro, novos e múltiplos trabalhos me esperavam. Hoje mesmo vou para Coimbra, para

mais um doutoramento em Literatura Portuguesa – o do [Aníbal] Pinto de Castro.

Em 1976, ao incluir como primeiro capítulo do livro *Ao Contrário de Penélope* o texto da comunicação com o título alterado para "Variantes e Variações", revelou mais uma vez as suas impressões de então, numa dedicatória a Luciana Stegagno Picchio, com a seguinte nota final: "lembrando o Congresso de Niterói".

Reencontrei o grande Mestre no ano de 1974, em minha segunda viagem a Portugal como "bolseiro" (ou bolsista, como se diz no Brasil) do Instituto de Alta Cultura que lá ia completar pesquisas sobre a história da Crítica Textual para um trabalho que fazia por encomenda do professor Herculano de Carvalho. Deveria ter viajado no final de abril de 1974, mas a mudança da vida política do país com o movimento de 25 de abril me fez adiar a viagem. Passei três meses em Portugal – de maio a agosto – sem poder fazer o que desejava, num ambiente convulsionado em que muitas paixões dominavam os cidadãos portugueses. Meus contatos com Jacinto do Prado Coelho foram poucos, e espaçados: na verdade, não tinha condições de dar-me muita atenção, porque se defrontava com terríveis problemas de acomodação aos novos tempos na Universidade de Lisboa, e tais preocupações o absorviam quase que por completo. Foi, estou certo, uma fase extremamente difícil e penosa em sua vida.

Nos anos seguintes, continuei a acompanhar a sua trajetória, e continuei a ser leitor dos seus artigos ou livros. Só em novembro de 1980, porém, pude revê-lo, por ocasião da III Reunião Internacional de Camonistas, promovida pela Universidade de Coimbra. Os convidados ficamos todos hospedados pela Universidade no Palácio de São Marcos, e foi lá, principalmente na hora do café da manhã, que conversei com ele sobre coisas do nosso interesse comum. Presidi a sessão em que ele tratou do tema "Estruturas Conceptuais e Narrativas na Poesia Camoniana", ouvindo em seguida de um dos debatedores duas ou três ásperas objeções ao que ele dissera, às quais respondeu com toda a serenidade. Concluída a Reunião, em que com o seu apoio se decidiu que a Reunião seguinte seria em Ponta Delgada, sob o patrocínio da Universidade dos Açores, do ilustre amigo recebi amável convite para um encontro com os seus assistentes na Universidade de Lisboa, em data que me anunciaria em breve, aos quais eu faria uma exposição sobre os meus planos de trabalho como professor de Crítica Textual na Universidade Federal Fluminense: quis assim – suponho – dar uma prova efetiva de apreço e amizade e de como considerava relevante dar à ciência filológica o lugar que lhe cabe no ensino universitário. Meses mais tarde, em carta de 14 de maio de 1981, escrita em Monte Estoril, explicaria:

Os assistentes, meus alunos nos seminários de pós-graduação, que ouviram a sua palestra na Faculdade, ainda por vezes me falam dela – e verifico que contribuiu para avivar neles a consciência da importância da Crítica Textual.

Nos últimos dias da nossa permanência em Lisboa em 1980, Jacinto do Prado Coelho e D. Dália ainda fizeram questão de proporcionar a mim e a minha mulher um passeio de carro e um almoço na região de Sesimbra: disseram-nos eles então que se lembravam com muitas saudades dos nossos encontros em Niterói.

Tudo isto vale a pena mencionar, para realçar a nobreza de espírito do grande Mestre que agora homenageamos.

Naquele mesmo ano de 1980, recebeu o professor Jacinto do Prado Coelho um convite do nosso Real Gabinete Português de Leitura para organizar a edição do manuscrito autógrafa do romance *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco, ali conservado como verdadeira relíquia: era um plano antigo da instituição. O convite não foi aceito, sob a alegação de que já assumira outros compromissos inadiáveis e de que tal projeto o afastaria das suas atividades habituais: mas indicou o meu nome ao Presidente do Gabinete, Comendador Antônio Rodrigues Tavares, como pessoa capaz de levar a bom termo esse empreendimento editorial. Quando retornei ao Brasil, fui logo chamado pelo Comendador Tavares, de quem então ouvi que me desejava confiar o encargo de cuidar dessa edição: por coincidência, era um antigo sonho meu, e no primeiro semestre de 1981 uma turma do currículo de formação de revisores críticos e preparadores de texto no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, depois dos estudos teóricos de Crítica Textual dos semestres anteriores, teria como prática a organização de um plano de edição crítica. Por conseguinte, tudo vinha a calhar... Com plena liberdade de ação, cuidei do planejamento da edição do manuscrito camiliano, tomando no entanto a decisão de não simplesmente reproduzi-lo fac-similarmente, mas de apresentar em confronto com o mesmo uma edição crítica, trazendo em pé de página as variantes dos sete textos comprovadamente da responsabilidade do romancista (desde o manuscrito datado de 1861 até a quinta edição impressa em 1879). Em carta de 24 de fevereiro de 1981, de tudo dei notícia ao amigo Prado Coelho, cujo nome já era familiar aos meus alunos, levados a ler inicialmente as notas sobre Camilo e sua obra no *Dicionário de Literatura* de que era o principal organizador. No meu plano inicial, imaginei até que ele e Josué Montello fariam para essa edição estudos histórico-literários sobre o *Amor de Perdição* e sua repercussão em Portugal e no Brasil, respectivamente: ambos porém não puderam aceitar os convites que lhes foram endereçados pela direção do Gabinete Português de Leitura, por terem de atender a outros compromissos naquele momento. Quando a edição afinal foi publicada em 1983, preparada no Brasil e impressa pela editora Lello no Porto, trazia a excelente introdução que a meu pedido fez para ela o professor Aníbal Pinto de Castro, Catedrático de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, e um dos maiores intérpretes da obra camiliana: sem demora, Jacinto do Prado Coelho (em carta a Aníbal Pinto de Castro) e Josué Montello (em artigo no *Jornal do Brasil*) se manifestaram com carinho sobre o significado desse empreendimento editorial para o qual colaboraram brasileiros e portugueses com o mesmo empenho de valorizar os estudos camilianos.

Foi na já mencionada carta de 14 de maio de 1981 que o professor Jacinto do Prado Coelho me perguntou se estava disposto a fazer uma revisão crítica da edição dos *Sonetos de Camões* que acabara de publicar a professora Cleonice Bernardinelli, pois queria que eu me tornasse colaborador da revista *Colóquio/Letras*. Respondendo-lhe em seguida, fiz-lhe ver contudo as dificuldades para fazer o que ele desejava:

Estou tentando desincumbir-me da tarefa, o mais depressa possível. Todavia, não é fácil, como talvez o fosse em outras circunstâncias, tratar da matéria, porque a referida edição tem provocado aqui vivos e apaixonados debates, num tom que muito me desagrada, envolvendo-se nele pessoas estimáveis, mas às vezes radicais ou facciosas em seus julgamentos... Minha recensão deve ficar entre os extremos dos que negam o valor da contribuição dessa edição dos *Sonetos* ao progresso dos estudos camonianos, e dos que a elogiam irrestritamente: vejo muitos méritos no que realizou a professora Cleonice, e defeitos que de modo algum desmerecem os propósitos fundamentais da ilustre autora. Procurarei dizer tudo isto da melhor forma, e, recebida e lida a recensão, o prezado amigo fica à vontade para julgar da conveniência de acolhê-la na revista, considerando o conteúdo e a extensão da minha análise crítica. [Carta de 3 de julho de 1981.]

Em outubro, enviei a recensão, sob duas formas: uma resumida, em duas páginas; a outra extensa e pormenorizada, em várias páginas. Tendo dado ao professor Prado Coelho a liberdade de escolher a que cabia nos limites da revista que dirigia, resolveu ele incluir em *Colóquio/Letras* a versão resumida, e com a minha autorização publicar na revista *Arquipélago*, da Universidade dos Açores (onde tinha devotados admiradores e amigos) a versão mais completa como se vê no número V, de janeiro de 1983, p. 303-314. Prado Coelho assim agradeceu a remessa do meu trabalho:

Muito obrigado pela sua carta e pelas duas versões da recensão dos *Sonetos de Camões*! Tenho pena de que a versão mais extensa não seja publicada aqui mas a versão breve sairá na *Colóquio/Letras*. Tem as características que eu esperava: bom critério, equilíbrio, clareza, isenção. [Carta de 14 de outubro de 1981.]

Nos anos de 1982 e 1983, continuei a manter correspondência com o professor Prado Coelho, e a trocar com ele a oferta de livros, nossos e de outros autores. A 26 de maio de 1983, anunciando-lhe a fundação da Sociedade Sousa da Silveira / Centro de Estudos de Língua Portuguesa e de Crítica Textual para a comemoração do centenário de nascimento do filólogo e lingüista brasileiro, disse-lhe no início de uma breve carta:

Com grande alegria, recebi há algum tempo a segunda edição (primeiro volume) da sua *Introdução ao Estudo da Novela Camiliana* – por coincidência, na mesma semana em que adquiri num antiquário o livro *Espiritualidade e Arte de Camilo*, de A. do Prado Coelho. Temos este traço em comum: o interesse pela obra camiliana é também [no meu caso] herança paterna; por isso, dedico a meu pai a edição do *Amor de Perdição*, já em fase final de impressão.

Esperava encontrar-me com ele durante a IV Reunião Internacional de Camonistas, de 12 a 17 de junho, em Ponta Delgada (Ilha de São Miguel), onde Jacinto do Prado Coelho era aguardado para receber muitas homenagens e demonstrações de carinho por parte dos amigos e dos dirigentes da Universidade dos Açores. Seu estado de saúde, bem grave, não permitiu o seu comparecimento a essa Reunião. Na

comunicação que lá apresentei – um breve histórico da evolução dos estudos camonianos em Portugal e no Brasil – achei oportuno manifestar de público a minha homenagem particular de quem tanto reconhece a valor das suas obras mais importantes de história, crítica e análise literária. Voltando a Lisboa, não pude ir a sua casa: não estava em condições de ser visitado.

A 11 de fevereiro de 1984, às voltas eu também com problemas graves, e não tendo notícias exatas do estado de saúde do meu prezado amigo, ainda lhe escrevi para noticiar que estava publicada a edição crítica do *Amor de Perdição* por mim organizada, e que ele seria convidado pela direção do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, juntamente com Aníbal Pinto de Castro, para serem os oradores principais da solenidade de lançamento dessa edição, prevista para o mês de março. De fato, o convite lhe foi feito – mas não pôde ter resposta afirmativa, como já se supunha.

Pouco mais de três meses depois, lia eu contristado e emocionado o registro feito com destaque pelo jornalista Carlos Meneses, em *O Globo* do dia 1 de junho, da morte de Prado Coelho, ocorrida a 19 de maio em Lisboa. O jornalista, realçando o papel de pioneiro do grande Mestre em vários campos de trabalho, acentuou entre os mesmos:

Foi ele um dos primeiros críticos e ensaístas a eliminar, com adequados e novos instrumentos de pesquisa e de análise, o fosso tradicionalmente aberto entre os estudos lingüísticos e os estudos literários.

A 5 de junho, na sua seção do *Jornal do Brasil*, sob o título "O silêncio de Jacinto do Prado Coelho", traduziu o escritor Josué Montello em palavras repassadas de muita emoção o que representava para o mundo de língua portuguesa a morte desse eminente professor e escritor que "foi sobretudo um representante maior da cultura ocidental"; e frisou, referindo-se às suas vindas ao nosso país:

Ouvimo-lo aqui no Brasil em vária oportunidade. No Gabinete Português de Leitura, na Academia Brasileira, na Faculdade de Letras, nos congressos de literatura. Chamavam-no de longe, e ele vinha radiante, com o gosto de se identificar com a vida e os livros brasileiros. Para deixar conosco a lembrança dos aplausos com que lhe acolhíamos as lições.

Por tudo isto, é justíssima a homenagem que agora lhe presta a direção do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português, dedicando-lhe este número da revista *Confluência* para assim demonstrar que Jacinto do Prado Coelho é uma forte presença em nossa lembrança, pela atuação que teve em Portugal e no Brasil, sempre na defesa e divulgação dos altos valores da comunidade lusófona.
